

DIÁRIO DE CAMPO

Relato da visita ao Posto Indígena de Santa Rosa do Oco'y, próxima ao Município de São Miguel do Iguacu, Oeste paranaense ocorrida em 01.06.2000

Sáimos de Marechal Cândido Rondon por volta das 8:30 horas, fomos levados pelo carro da Universidade. Éramos cinco pessoas, o motorista, eu, Evaldo, Marta e a bolsista do Evaldo, Nádia. A intenção era fazer um censo populacional no caso deste, e no meu colher um depoimento que abordasse aspectos da perda de território sofrida pelos Guarani contemporâneos no Oeste, de forma a reencaminhar esta nova fase da pesquisa.

O PI do Oco'y é uma área de aproximadamente 230 hectares, habitada por cerca de 450 Guarani, segundo informações do cacique da área. Na chegada na aldeia pudemos observar um "portal" construído pelos índios, marcando a entrada em terras Guarani. Deparamo-nos também com um trator Massey Ferguson, vermelho reluzente, aparentemente novo, e sobre o qual encontravam-se alguns índios, e ao lado o cacique, seu José. Supostamente o trator foi doação da FUNAI ou da Itaipu, o que deverá ser averiguado, e mais tarde o cacique justifica a necessidade do mesmo devido à insuficiência de terras apropriadas para o cultivo agrícola.

A organização da espacialidade é nitidamente Guarani, casas separadas, distantes umas das outras. "Ocas" de palha na sua maioria, apenas algumas poucas, de madeira. Nas de palha, pedaços de lona plástica ajudam a proteger do frio. A vegetação é pouca, o que se chama geralmente de capim, crescido em áreas desmatadas. Não há mata nativa, os caminhos entre as casas são de terra, em torno das casas estão edificações (galpões) destinados a guardar utensílios. Em torno das casas, há o terreiro, limpo no qual as mulheres se encarregam do artesanato, conversam, etc...é um espaço de sociabilidade me parece. Ali também estão crianças, animais domésticos (cachorros, principalmente e galinhas), além de alguns homens idosos, durante o período em que os homens adultos estão na lavoura. Não somos convidados para entrar em nenhuma das casas que visitamos, recebem-nos nesse terreiro. Oferecem para que nos sentemos pequenos banquinhos feitos por eles, ou pedaços de troncos de árvores, alguns emparelhados, outros apenas cortados. Há muita fumaça nas proximidades das habitações em função do fogo sempre acesso no chão, ou dentro das casas, ou muito próximo. Forma eficaz de amenizar o frio.

Pedimos ao cacique se concordaria em conversar conosco, ao que anuiu. Fomos então até sua casa, onde ordenou à sua mulher, uma senhora de formas arredondadas, com aproximadamente 40 anos, que trouxesse panos para cobrir os tocos (pedaços de troncos), para que pudéssemos nos sentar. Não fomos convidados para adentrar à casa, e realizamos a entrevista no lado de fora, muito embora bem recebidos. A esposa nos oferece artesanato para compra. A entrevista foi bastante produtiva.

De maneira geral, a aldeia está organizada com as habitações distantes umas das outras, exceto quando membros de uma família extensa, por exemplo, filhos casados morando em casas germinadas às dos seus pais. Não há muita mata, e grande parte do terreno é coberto por uma vegetação rasteira (capim), nascida após o desmatamento, ou pelas áreas de cultivo. As construções, na sua maioria são caracteristicamente Guarani, ou seja de palha. Hoje está fazendo muito frio, e em todas as casas em que chegamos (6) havia troncos queimando, dentro ou bem próximos às casas. Há uma grande quantidade de animais domésticos, principalmente cachorros e galinhas. Utensílios domésticos são poucos.

Dois fatores marcantes no aspecto visual da Reserva é a proximidade do Lago de Itaipu, que demonstra a exiguidade da área, e a localização e aspecto da escola. Ocupa uma posição central, é tipicamente nacional, e se encontra cercada e com as paredes muito limpas. Anteriormente os professores da escola eram Guarani, e se ensinava exclusivamente neste idioma até a Segunda série. Todavia a implantação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação fez com que houvesse grande pressão por parte dos órgãos estatais, municipais e estaduais, responsáveis pelas questões educacionais para que professores "de fora" ensinassem na escola da reserva. É o que se deu. Hoje não aprendem mais Guarani, e segundo uma professora são incentivados a abandonar sua língua em troca do idioma nacional.

Tínhamos a intenção de entrevistar ao menos uma pessoa idosa, que pudesse nos falar sobre o tema escolhido. Não encontramos muitos homens, mais tarde viemos a saber que estavam trabalhando nas lavouras, ou tinham ido até o Posto da FUNAI. Tentamos entrevistas com algumas mulheres que estavam nas casas onde chegamos. As dificuldades foram imensas.

Encontramos índias idosas, um índio idoso, todavia não conseguimos nenhuma informação importante. Como não havia conosco nenhum informante ou intermediário da aldeia, ficavam tímidos com a nossa presença. As mulheres diziam apenas "não saber contar", "não lembrar", falavam em guarani entre si, entreolhavam-se e riam. Não desistiremos no entanto, imagino quantas informações interessantes as mesmas terão guardadas na memória. É uma questão de tempo e confiança.

Percebemos que as mulheres são extremamente tímidas, e muitas informações sobre elas próprias chegam a desconhecer, dizendo: "isso é só o meu marido que sabe". A recusa em falar não é grosseira, pelo contrário, concordam em conversar conosco, sorriem, e então não dizem absolutamente nada.

Por fim, passamos no Posto da FUNAI em Santa Rosa, encontramos o Guarani Casimiro, que nos proporcionou um depoimento interessante. Retornamos então, eram cerca de 16:00 horas.

DEPOENTE: Casimiro Pereira
 Guarani morador do Posto Indígena de Santa Rosa do Oco'y
 ENTREVISTADORES: Sarah Jurkiv Gomes Tibes Ribeiro
 Evaldo Mendes da Silva
 DATA DO DEPOIMENTO: 01.06.2000
 LOCAL DO DEPOIMENTO: Posto da FUNAI, em Santa Rosa do Oco'y

ENT.: O senhor poderia nos falar sobre suas atividades junto à comunidade?

DEP.: Meu nome é Casimiro Tupanembi Pereira, eu trabalho como liderança na comunidade, sou secretário da comunidade e coordenador do grupo coral, e também eu sou coordenador dos pajés de cada aldeia. Nós temos um encontro, dia 07, na semana que vem, vai começar em Diamante do Oeste. Dia 9 passa aqui na comunidade, até dia 13. É encontro dos pajés Guarani que vai se reunir para a gente discutir mais com eles sobre...a gente estamos trabalhando junto com eles para aprender. Porque eles contam a história muito profunda que a gente nem sabe, então é melhor reunir eles para contar a história. Então a gente tem interesse de perguntar na hora para ele, que a gente deseja de saber da história. Ai ele senta junto e passa um a o outro. Vem um professor de Curitiba, da Faculdade, ele tinha interesse de ouvir, ou participar junto, como é a organização das pessoas mais velhas. A gente jovem já temos pouco interesse na coisa, então eles estão pelo menos deixando para a gente porque um pajé tem 94 anos... e sempre está junto, ele vem sempre junto, ensinando outro mais novo que o pajé, está começando pajé novo, então tem que ser pajé mais reforçado que 94 anos, 96 anos, tem que ensinar outro pajé...Ai por ali, a gente estamos aprendendo com eles também...falando entre eles e a gente ouvindo deles também como é que vai ser. Então eu estou trabalhando sobre isso com eles. ...Eu tenho interesse de aprender, não para mim, eu tenho meu filho, até meu neto vai ter, vai ter muito primo, sobrinho temos que...agora estamos juntando cinquenta crianças na casa de reza para preparar, conversar como é que..., e como temos que ser. Então estou trabalhando com as crianças e com os pajés também. Na época que você veio com o Teodoro a gente já estava trabalhando com as crianças também, ele coordenador, e eu era segundo, mas... agora ele não está, eu fiquei primeiro.

ENT.: De onde vem os pajés que vão participar do encontro?

DEP.: Os pajés vem do Pinhão, Palmerinha, do... Marreca também, Guarapuava e ali do... Paranaguá, e talvez venha de São Paulo também., não tenho certeza de que eles vão vir, mas a gente tinha convidado...mas se não dá, ele vem em setembro, outubro...vai ter outro encontro.

ENT.: Nós poderíamos vir, participar?

DEP.: É a vontade de cada um não é? O padre vai estar junto, dois padres que trabalha em Guarapuava.

ENT.: Há professores indígenas na Escola da aldeia ainda?

DEP.: Tem um professor indígena.

ENT.: Porquê vocês mudaram, antes eram só professores Guarani, e hoje tem professores brancos?

DEP.: O problema é que na época que a gente estava na escola, no ano 1994, 1990, a gente já estava sabendo que estava entrando Mercosul, e que aí vai complicar vida do índio. E aí aconteceu isso. Então a gente dava aula no ano 1996 para as crianças, ele era meu aluno, era criança, é meu irmão, ele sabe como é que foi. Ainda bem tranqüilo, tinha merenda, a gente conseguia. E daí veio notícia que o município, o Estado vai tomar conta da escola, aí vai complicar. Se você não tem diploma, não tem estudo que chega, você sai fora, aí que aconteceu isso. Nossa ideia não era... a gente estava na escola, mal escreve, mal fazendo número, é melhor mostrar pelo menos conhecer a letra que é nome da água, alimentação, natural, frutas, tudo isso. A gente tinha interesse nisso. E entrou na moda o município, agora o Estado toma conta, e o índio tem que ter segundo grau, não sei o que lá, e acabou. Não era interesse crescer, estudar bastante, e daí fazer como vocês, não ganha nada, é melhor a gente mantendo costume, isso que é nossa ideia.

ENT.: Casimiro fale para nós sobre a formação da Reserva do Oco'y, e o que você recorda sobre os deslocamentos da sua comunidade em função da chegada dos brancos na região:

DEP.: A primeira aldeia principal era lá em Cataratas. Lá tinha aldeia principal... aldeia principal é lá em Cataratas mesmo. Lá mesmo começou a aldeia, e começaram as famílias a aumentar, aumentar, e daí se espalharam, veio mais para cá. Ali no... tem lugar que se chama Moyci, tinha um rio ali, então aquele iniciou outra aldeia e vindo para cá. Quem contou a história também não lembra que ano que foi. Mas só que começou a segunda aldeia foi em Moyci. Terceiro começou ali em Guarani, e aí nas Três Lagoas, e assim vindo para cá. Ali no Barro Branco também outra aldeia. Aí começou a chegar até em Guaira... então ali no Passo Kue, no Jacutinga, aí no Itacorá, depois em Santa Helena tinha aldeia, mais para tem outra aldeia, diz que tinha quatorze aldeias nessa região. Era tudo na beira do Rio Paraná, até em Guaira... até em Guaira tinha uma comunidade também. Então é...pelo que a história foi contada naquele tempo vivia com a natureza, comia raiz..., fruta..., água limpa...não é como hoje. Por isso que pessoa mais velha tem 89, 90 anos, mas ele anda, ele trabalha, mas a gente como novo, a gente não agüenta, até cinquenta anos já era o homem de agora. Mas de antigamente não, porque tinha caça à vontade, tinha pesca, não poluído também, e a fruta.

ENT.: E a área do Oco'y, já era de vocês ou vieram para cá por causa de Itaipu?

DEP.: Essa aldeia ia ser em troca daquele que a gente morava em Jacutinga, tinha aldeia lá. Tinha um monte de famílias, mas na época, sabendo da coisa eram vinte famílias só. Por causa que diminuiu, por causa que na época da colonização abria estrada, colonizava a terra, e começando mandar correr índios das casas, se não quer deixar casa, queimava casa, quem não quer sair matava. Por isso que diminuiu muito a comunidade. E a história foi essa...

ENT.: E eles foram para onde?

DEP.: Um pouco foi para Rio das Cobras, e a maioria passou a viver no Paraguai, Argentina, então quem sabe correr, quem fi embora foi tudo para o Paraguai. tudo nascido aqui, só que correndo de piazote, piazada, meninas correram para lá, e... por isso que diminuiu bastante. Quem não corre mata, quem não corre foi "matado" pelo colonizador. Quando o colonizador vai chegando, vai expulsando, expulsando, vai acabando aldeia, aldeia ...

ENT.: Você não viveu isso, só ouviu contar, há idosos na aldeia que viveram esse processo?

DEP.: Não, eu não vivi, eu ouvi contar. Na época de Itaipu, eu tinha já doze anos naquele tempo. Eu nasci no Passo Kue. Daí a gente passou no Paraguai, também um pouco. Fiquei um pouco no Paraguai, daí voltei. Essa luta para conseguir o Oco'y

começou no ano 1974. Começou a luta. Quando ia começar a construção da Hidroelétrica de Itaipu, na época já tinha corrida para lá e para cá. Mas porque na época pessoal de idade, não sabe falar em português, não sabe discutir com alguém, como discutir, não sabe como é que é, por isso foi muito enganado. E também essa ilha a gente conseguiu pelo engano também, porque na época o cacique antigo que tinha não sabe discutir com ninguém, porque o branco faz, já é bom para ele, então por isso que conseguimos essa "língua de vaca". (é como ele se refere à área do Oco'y, que tem seus 253 hectares espalhados por cem metros ao longo do Lago de Itaipu)

ENT.: Houve oferta de outras áreas? O que houve em termos de propostas de terras?

DEP.: Eles deram esse pedacinho, porém ninguém saber, levou um documento, assina aqui, o cacique assinou lá, e voltou lá, e disse que tinha pego a área, mas a comunidade não sabe se era grande ou pequena, ou qual é o tipo de área, a gente não sabe. Mas já tinha..., o cacique já assinou, e no documento fala que só essa terra, só essa terra, não tem maior, não tem mais incomodação. Então por isso que o cacique foi enganado, e até nós também fomos enganados, mas... mesmo isso eles prometeram de ajudar durante 25 anos a comunidade, mas só que a gente não tem interesse de pegar as coisas a troco de terra. É melhor a gente lutar e deixar a coisa mais para diante. É por isso que a gente começou a brigar com Itaipu, ela deu o pedaço aqui. Nós viemos aqui (para o Oco'y) era 08 de junho do ano 1982. Era aqui no Oco'y, começou. Vai fazer dezoito anos aqui. Então na época não tinha o lago, não tinha nada, parece que o mato. Onde é o lago estava cheio de erva-mate, a gente andava por ali, caçava, pescava, a gente não sabia... um homem falou assim que essa árvore que está na terra baixa não vai aparecer nem a ponta, tudo vai ser água. A gente nem acreditava. Ai então começou a briga, e daí nós queremos recuperar aqueles 1.500 hectares que tinha em Jacutinga, que era a divisa era o Rio Oco'y.

ENT.: Quantas famílias vieram de Jacutinga?

DEP.: Umas vinte famílias, mais ou menos 74 pessoas. Nós não conseguimos esse pedaço, mas mesmo isso a gente lutava..., a gente não vamos pegar as coisas, nós queremos recuperar aquela terra. Ai tinha a briga, e a Itaipu não queria reconhecer, a terra já tinha dado, porque eu não tenha outra, nossa luta foi 15 anos, bastante tempo.

ENT.: Quantas famílias foram para Diamante. Porquê muitas famílias permaneceram aqui?

DEP.: Lá pelo que a gente descobriu tem pouca assistência médica, não tem escola, não tem posto, não tem saúde, não tem nada. Então por isso que se tem escola lá, tem Posto de saúde, a gente vai para lá também, porque aqui é muita gente já. Um em cima do outro não dá mais para ficar.

ENT.: Quantas pessoas tem nesta aldeia? E na de Diamante?

DEP.: Aqui são mais ou menos quatrocentas e cinquenta pouco, lá tem mais ou menos 170 pessoas, a maioria continua aqui.

(Nesse momento, o funcionário da FUNAI que está presente durante esta entrevista informa que a área de Diamante do Oeste tem 1.744 hectares, e que lá não foi criado Posto da FUNAI, ou infra estrutura adequada para a fixação da população)

DEPOENTE: JOSÉ DUARTE DE SOUZA – Cacique da Aldeia do Oco'ý

ENTREVISTADORES: Sarah Lurkiv Gomes Tíbes Ribeiro
Evaldo Mendes da Silva

DATA DO DEPOIMENTO: 01.06.2000

LOCAL DO DEPOIMENTO: Aldeia do Posto Indígena de Santa Rosa do Oco'ý

ENT.: Eu gostaria que o senhor nos dissesse seu nome, idade, se é casado, filhos:

DEP.: A nossa vida indígena, quando começa o trabalho sempre a gente lembra em Deus. Para começar o serviço, quando clareia o dia, quando escurece para descansar. E então começa a religião do indígena. Então sempre procura o sistema de indígena seguir os antigos. O meu nome é José Duarte de Souza, em português, nós temos nosso nome indígena e o meu é *Karai Miri*. O que quer dizer uma pessoa humilde, uma pessoa que procura a vida sem que... internamente...né, é *karai miri*, isso significa para o índio. É o seguinte *avá*, esse *avá* acho que surgiu depois, na época da Itaipu, esse nome da associação indígena porque o certo é *ñandé*, que significa todo mundo, não é eu nem vocês, quer dizer que *ñandé* é nós, Brasil inteiro. Quer dizer que *ñandé* não tem nada a ver com separação com branco nem com índio. Então surgiu no meio do Guarani o *avá*, porque *avá* é da nossa língua também, quer dizer que é um homem, um piazinho (indica um menino que está nas proximidades) daquele é *avai*, uma menina é *cunhã*. Eu acho que essas sociedades, tribos índias não é certo chamar de *avá*, tem que ser Guarani *Ñandé*.

Eu estou pensando muitas vezes como é que era os antigos, aqui nessa aldeia ou seja em outros lugares que...índio não foi muito conhecido, porque índio era uma sociedade muito baixa, menor, vamos dizer que menor porque não tem estudo que nem vocês, que nem branco. Por isso acho que vocês vão considerando índio de menor, então muitas coisas o índio eu acho que cem anos atrás, ou seja esse ano que foi até agora vamos chegar no 2000, é...não sei de quando o índio foi descoberto. O índio era de antigo, o índio era de antes tempo já...

ENT.: Por favor fale um pouco sobre esse antigamente:

DEP.: Eu morava, bem dizer assim, onde eu nasci era lá em Guaira. Então meu pai trabalhava por lá. Na fazenda, no colono. Eu tenho 48 anos. Nós trabalhava de bóia-fria, empreitada, um mês aqui, quinze dias ali. E assim...então nós trabalhava lá para Guaira, para Marechal Cândido Rondon, enfim para cá, nessa beirada aqui até Foz do Iguaçu era tudo índio Guarani. De Guaira, Marechal Cândido Rondon, Pato Bragado, Santa Helena, Itacorá, Alvorada, Santa Terezinha era cheio de índio Guarani. Por que a área certa era na Jacutinga, porque o INCRA deu um pedaço de 1.500 hectares ali. Até que não foi demarcado, mas ali era reserva do índio. Quem saía trabalhar lá para Cascavel, Medianeira, Pato Bragado, Itacorá, quando terminava o serviço, voltava para a área de Jacutinga. Então lá tinha cacique, tinha nossos avós mais antigo morando lá, nunca saíram de lá. Então as pessoas novas saem para trabalhar para o colono, para o fazendeiro, e quando termina o serviço lá para fora, volta para a aldeia. E assim andava.

ENT.: O senhor nasceu em Guaira, onde morou antes de vir para cá?

DEP.: Eu vim morar aqui na Jacutinga, e de lá da Jacutinga eu saía trabalhar por aqui, eu andava por aí, lá por Santa Terezinha, trabalhava quebrando milho, carpia soja, eu tinha muito serviço. Fui até um pouco lá para o Paraguai também atrás do serviço. Porque índio Guarani era assim, onde aparece patrão, eu te pago tanto, vamos lá trabalhar, um mês, dois meses, quinze dias, e vem de novo, era assim.

ENT.: Onde o senhor morou sempre tinha outros índios, nunca morou na cidade?

DEP.: Não, não, o índio nunca morava na cidade.

ENT.: Como se formou essa aldeia (do Oco'ý)?

DEP.: É o seguinte, foi assim: aquela Jacutinga era uma aldeia de índio Guarani. Não era demarcada, não tinha posto da FUNAI. Era uma reserva que o INCRA deixou para os índios, porque lá foi indicado, foi achado índios. Quatro famílias, de repente aumentou mais dois, três. Aumentou mais ou menos vinte famílias, eu acho, até que por último ficou sete. Porque antes da Itaipu tinha bastante gente lá. O índio Guarani. Até mestiço estava lá também, um tal...de...Nicolás, que morava lá. Então Itaipu vem chegando, vem indicando que vai indenizar todo mundo, que a beira do Paraná, as de fora, tem em Guaira, onde tem índio Guarani. Porque lá em Laranjeiras do Sul, lá por São Paulo tem aldeia naquela época já tinha aldeia do índio, tanto Kaingang, tanto índio Guarani. Agora aqui naquela época, eu pelo menos, eu conhecia aquelas aldeias, não era posto, não era nada, era aldeia, ali o Guarani morava de antigo, né. Então foi conhecido pelo aldeia indígena. Então ali, o cacique dos Guarani naquela época era o Fernando Martins. Ele se encontrava sozinho lá, ele tem *opã*, *opã* é uma casa de reza. E dali o pessoal da FUNAI, da Itaipu, até IBAMA, veio CIMI, veio... muita gente chegava lá. e perguntaram para todo mundo, como é que a gente queremos, é que nem o velhinho, ele até não fala bem em português, apenas ele procura mais as coisas de Deus. Então ele pensou...que ele não pensa só por ele, ele pensa por todos, então o pessoal de Itaipu, de FUNAI, mais as outras gentes, perguntaram para ele: para cada uma família, para cada uma pessoa, como é que nós queremos, porque Itaipu indenizava para cada... lote, quem tem área, um hectare, dois hectares, um alqueire, vinte alqueires, pagava...naquela época. Então tem algum Guarani, até acho que indenizou por Itaipu o lugar, né...casinha mediram tudo, o espaço que ele limpa, o espaço que ele plantava, derrubava mato, ou seja, capoeira, a limpeza, chiqueirão de porco, galinheiro,...que ele tinha também, tudo...acho que tem algum Guarani. Por isso até agora eu penso assim, deve ter alguma pessoa, o nome da pessoa lá na Itaipu, quem que indenizou Guarani naquele tempo. E aí surgiu essa área aqui no Oco'ý. O Fernando Martins pensou assim: eu não vou...eu não quero dinheiro. Agora eu quero a terra de volta, quero pelo menos aumentar mais a terra um pouquinho. Naquela época eram mais ou menos sete famílias naquele lugar. Porque o Guarani, tem algum Guarani ou mestiço que estava lá, que já começou vou pegar cinco alqueires aqui, vou pegar dois alqueires, vou indenizar por Itaipu, porque ele queria pegar...dinheiro. e o Fernando naquela ficou num cantinho, mas o INCRA então...e ali começou e o Fernando Martins lutou, lutou, foi para São Paulo, para Curitiba, foi para Brasília, procurando para ver se ele arrumava mais um pedaço em vez de ele ser indenizado pela Itaipu, ele queria a terra, em troca daquela que ficou lá embaixo (da água). Então conseguiram, consegui esse Oco'ý, de lá mudou aqui. Então aqui já tem um pouco de diferença porque a Itaipu, a FUNAI entraram em contato e demarcaram essa terra.

ENT.: Foram vocês ou a Itaipu quem escolheu essa área?

DEP.: Se Itaipu não surgisse naquela época, nós não estaríamos aqui. Porque nós mais acostumado num lugar assim...mata virgem, porque mata virgem você sabe né. Eu até agora quando eu passei lá no parque (Parque Nacional do Iguaçu), parece que me aliviou, parece que tem um outro clima para mim. Porque é igual passarinho, índio é assim, aonde acha um pé de árvore, alguma fruta, ele fica muito contente. Porque se não fosse Itaipu surgir naquela época, nós não estaria aqui, nós estava lá ainda,

porque lá tinha caça, tinha peixe... na beira do Paraná, e no Oco'y (rio) também tinha peixe, e para cá tem mato, lá nós caçávamos, matava os bichinhos de caça. De lá começou essa área aqui, essa aldeia, aqui é limpo não tem nada.

ENT.: O senhor tem lembranças de alguma situação em que o branco tomou terra de vocês?

DEP.: Ah...isso é certeza. Eu tenho certeza...que muitas coisas... que Guarani tinha antepassado que foi perdendo a terra. porque como eu penso assim que naquela época, que eu falei que eu morava lá em Guaira, trabalhava por lá, tinha mais ou menos quinze anos. E vim para cá, tinha idade de vinte, vinte e oito anos, e assim foi. Naquela época tinha muito Guarani, que nem lá no Rio Branco, logo ali para baixo do Pato Bragado ali tinha muitas pessoas naquela época Guarani. E...é...ninguém não falava para nós, lá não podia fazer fogo, lá não podia cortar madeira, você não podia ficar lá, ninguém falava assim para nós. Então era liberdade para nós, naquela época era liberdade para nós. E o Guarani nunca estragava a água, nunca estragava o mato virgem, e o bicho também não acabava. Só que hoje já...extermina muito a natureza, o próprio Guarani, eu não sei se lá fora, mas...o Guarani está buscando, ou seja está procurando a natureza. Porque natureza tem que ser água boa, tem que ser mata virgem, tem que ter bicho, bastante bicho, essa é a natureza que agente procura. Eu me lembro bem que naquela época muitos Guarani andavam assim, ninguém ligava, ninguém falava nada para ele, e por aí eu penso assim essa liberdade era nossa, isso aí era do Guarani, não era de ninguém.

ENT.: Porque o senhor acha que a situação se modificou?

DEP.: Não...esse...veio a modificação. No meu pensar, ou seja o Guarani está pensando, pajé mesmo está pensando, isso aí mudou muito por causa que a população do Brasil mesmo aumentou, aumentou muito. Outra coisa que também nós estamos achando que é estudante, né, eu acho que é um cientista que estão fazendo, porque se fosse se população não aumentasse, ninguém...não sei se só o Guarani está se apertando, agora lá fora não vou dizer, mas acho que o Guarani está sentindo também. Cada vez mais está se apertando, vem procurando a natureza, que está destruída, porque o branco, agora...que nem agora, nós estamos com trator, dali a pouco vai ter alguma máquina, ainda até agora nós não ocupamos veneno, e quase, quase que nós estamos chegando nessa também. E não é certo, isso não é certo, porque o veneno acaba com a água, com o mato, acaba com a natureza. O que está acontecendo lá fora, aqui o meu vizinho está ocupando para plantar milho, para plantar batata, para plantar soja, trigo, ele precisa muitas coisas para ele recuperar a terra dele. E nós ainda não chegamos nesta parte ainda.

ENT.: Do que vocês sobrevivem na aldeia?

DEP.: Nós estamos pensando, desde mais ou menos 1999 para cá, nós estamos pensando, vários tipos de idéia nós temos aqui. Porque a terra é boa, pode plantar milho, pode plantar batata, mandioca, tudo que a gente planta está vindo muito bonito. Está sustentando pouquinho a pouquinho. Então aqui nós temos lavoura, cem hectares sempre cada ano nós queremos fazer, plantar cereais, milho, batata...para consumo. Esses cem hectares não dá para vender, não, não dá para comercializar porque não sobra. Através disso nós estamos pensando de abrir uma "expoturismo", sabe porque? Aí nós estamos pensando para ver se nós arrecadamos algum dinheiro para sobreviver também. Ou procurar um documento, porque hoje em dia nós Guarani também tudo é pago, lá fora a gente paga documento, paga identidade, taxa de identidade, taxa de CPF, inscrição de criança, de maternidade...um pouquinho, mas tem que pagar. Então nessa parte a gente se apura, porque tem muita gente, tem muitas crianças, velhinhos, tem muita população. Então só para viver da lavoura não dá, não dá nessa parte porque...então aí a gente pensa em ver se nós abrimos uma "expoturismo", para ver se conseguimos arrecadar mais alguma coisinha também, para ajudar nossa terra aqui, porque a terra tem que plantar e esperar seis meses para colher, e a necessidade não espera nem um minuto.

ENT.: Vocês trabalham para os colonos na época da colheita?

DEP.: Sim, trabalhamos também. Por isso que eu digo, muitas coisas a gente...fazemos para ver se nós vivemos aqui, né. Porque a terra é pequena, mas tem que plantar, quem planta, colhe, come, e quem trabalha fora também busca um dinheirinho para comprar alguma coisa, erva ou sal, alguma coisa...roupa.

ENT.: Qual a relação com a FUNAI?

DEP.: É o seguinte... a FUNAI trabalha assim, ela fiscaliza o serviço do índio. Por exemplo aqui nós temos a farmácia, tem as enfermeiras, motorista. Até agora nós temos só dois Guarani habilitado para ser motorista, e eu tenho dois agentes de saúde indígenas também. Uma da parte de saneamento, dá três pessoas Guarani na parte de saúde. E tem duas enfermeiras lá em cima, na Santa Rosa (do Oco'y) que cuida da parte de enfermagem, é auxiliar de enfermagem. E tem o chefe da FUNAI, então o chefe ele está fiscalizando, fiscaliza de papel, por exemplo...esses dias nós temos um negócio que tinha que endireitar divisa, ali essas coisas então ele tem que estar junto, quando vem IBAMA, quando vem Itaipu, lá na Prefeitura ele tem que estar com a gente.

ENT.: Eles dão sementes para o plantio?

DEP.: Também ele faz um projeto, ele assina. Cesta básica recebe do CONABI, que sempre vem, só isso que a gente ganha. Agora as cestas não são da FUNAI, acho que não é não, é do governo. A FUNAI precisa assinar os papéis, inclusive essa lei vem de lá. Ele tem que estar com parceria com a Prefeitura, com a Itaipu, com todo o mundo, então por aí tem que estar presente. Qualquer coisa, se eu vou fazer algum projeto de lavoura, então tem que elaborar um projeto, tem que passar para FUNAI, FUNAI bate com a máquina, assina, eu assino de novo e daí mando para diante, lá para Brasília, para o Estado, para algum lugar, né...qualquer coisa então... aí ele tem que estar presente.

ENT.: Porquê continuar sendo Guarani, mesmo com todas as dificuldades?

DEP.: Não...é no meu pensar a população aumenta porque aqui é perto do Paraguai, é perto da Argentina, e...até esses dias nós ficamos para fazer uma reunião lá em Curitiba para sair dessa dúvida, porque o Paraguai também tem índios Guarani, Argentina também tem uma população de indígenas, só que vem muito de lá, e se queixando que lá não tem assistência. Inclusive aqui na Argentina e lá no Paraguai aqui é pertinho, e tem algum parente morando aqui no Brasil, muito tempo já é aposentado, foi atendido pela FUNAI de tudo, é...o governo brasileiro que está cuidando. Então lá no Paraguai tem também o parente, então acabam vindo procurar o parente, e quando chega aqui o índio Guarani, o parente fala assim: vamos morar aqui? Porque dali a pouco você vai se aposentar, dali a pouco vai se medicar alguma coisa, algum vem doente, sei lá, porque lá diz que tudo é pago, lá diz que tem que ter dinheiro. Por isso às vezes vem muitos Guarani de lá. E todo mundo vem se queixando. Até esses dias vieram com doença, com malária. Então essa é minha preocupação também, queria conversar com pessoal lá em cima, com...até com deputados do Paraguai também era para estar presente lá, só que não deu certo porque tem um problema também lá no Paraguai, então eu não saí a reunião. Mas eu estou preocupado nessa parte.

ENT.: Vocês tem muitas visitas dos outros "teko'á"?

DEP.: Eu mesmo a gente nem tem tempo de visitar, porque mais é aqui no Diamante (do Oeste), porque esse é o vizinho que estão lá, o cacique está lá, também a gente se comunica com ele. E... daqui até outro país a gente quase não vai, porque não sobra tempo e tem que cuidar o pessoal que está aqui.

ENT.: Essa comunidade do Oco'ý, os índios são parentes entre si?

DEP.: Sim. Por exemplo lá em Guarapuava tem o Teodoro, vocês conheceram o Teodoro, o Teodoro está morando lá, e o pai dele mora lá na Argentina. Quem sabe dali um tempo vai lá para Guarapuava, ou de lá ele vem. Assim que acontece as coisas. Os Guarani caminham demais. Muitos falam que o Guarani caminha que nem o porco do mato. Mais por isso que eu digo hoje, o Guarani de agora já vem se apertando. Ou seja índio, sei lá, eu acho que da minha parte vem se apertando porque naquela época, cinquenta anos atrás, na minha época ninguém ligava quando o Guarani vai viajar de a pé daqui até em São Miguel, e dorme lá, fazer um fogueiro lá, ninguém ligava, polícia não cuidava lá, não tinha problema não, mas hoje não, chega lá no São Miguel: Cadê a identidade? Cadê o registro? Olhe, o carro vai te pegar daqui a pouquinho. Porque é muita população, muito perigo. Então eu penso assim, o Guarani vem se apertando, igual que nem bichinho. Bichinho, cotia, cateto, algum outro bichinho não pode sair aqui na rua porque o bicho pega, ou seja, o cachorro, o carro, alguma coisa logo, logo mata. Então na minha parte eu acho que o Guarani vem se apertando, não vai ter muito.

ENT.: Qual é o futuro dos Guarani, na sua opinião?

DEP.: Olha...eu acho que se o Guarani entender nessa crise que nós estamos levando todo mundo bem dizer, aqui na terra, não vai ser muito complicado, mas tem que entender. Que nem hoje, aqui nós temos a área, é 231 hectares, então devagarzinho quem sabe lá a Itaipu vai arrumar mais algum pedaço, alguma ilha, e vai...vivendo lá. Agora se ele começar a sair, a mesma coisa se o cacique falar para ele: - Não, você tem que estudar, tem que ficar vamos reservar nossa área, aí se ele entender, e mesmo assim trabalhar com a gente, com o índio aí tudo bem. Mas se ele desobedecer, aí ele vai lá para fora e não sei o que vai acontecer. Porque segundo eu vi lá fora é muito perigoso muitas coisas. Não é de homem, não é de governo, não é de polícia, mas é lá fora se usa mais é...droga, e o índio também se ele procura aquilo ali, vai cair na mesma linha. Então por isso que se o Guarani entender não tem nada a ver, não tem problema, não vai ter muita complicação, agora se ele não tem entender não sei.

ENT.: Se alguém chegasse para o senhor e oferecesse uma casa na cidade, o senhor aceitaria, deixaria de ser Guarani?

DEP.: Não, não, não. Isso aí é... está certo, todo mundo quer, o que só eu, só eu sozinho com minha família vou ganhar uma coisa, para mim não está bom não. Queria que ganhava todo mundo. Quando vem aqui alguma comidinha, alguma fruta eu não vou comer sozinho, não, eu vou dar para todo mundo. E índio não pode deixar de ser índio, Guarani não deixa de ser Guarani, é a natureza do índio, porque até com esses dois mil anos que nós estamos lutando em cima da terra, o Guarani não tem nenhum celular, porque...ou casa boa, casa de material...porque ele não, quem sabe lá, porque o pai dele, o avô dele já ensinaram assim que o que Deus dá para a gente tudo bem, se não dá a gente espera. Então a gente vai indo assim. Agora no meu pensar é assim também, acho que você é a mesma coisa porque hoje em dia tem que suar para comer, para viver, para ter alguma coisa, lá fora é assim, no meu pensar é assim. Clareou o dia tem que estar de pé para ganhar o pão de cada dia, agora o Guarani não, o Guarani...por isso que eu digo, agora pouco eu estava dizendo que o Guarani é igual que nem um passarinho, se ele sair sem comer, dali a pouco ele acha por ali, nem que seja dez horas, meio-dia, três horas, ele come quando vem, uma vez por dia para ele tudo bem. se for a gente se acostumar três vezes por dia também não pode errar, três vezes por dia tem que comer, se a pessoa uma hora sem comer aí complica. Agora Guarani não, então é por isso que o Guarani não procura muita riqueza, se ele procurar ele procura para todo mundo. Para todos os indígenas ele procura, eu no meu pensar é assim, e todos os caciques que estão aqui no Brasil eu acho que o pensamento dele é assim.

ENT.: Seu José, o senhor poderia falar sobre suas lembranças do período anterior à vinda para o Oco'ý?

DEP.: Estou me lembrando daquela época antes de Itaipu, eu morava aqui na Jacutinga. Parava uma semana, duas, um mês, um ano, mas eu sempre saía trabalhar fora, porque a gente se acostumava mais trabalhando para as fazendas. Ficava morando nas fazendas, mas não mudava para lá, fazia um barraco de lona lá, até terminar o serviço e daí voltava para a aldeia. Então naquela época eu até agora, eu me lembro ainda que na Jacutinga tinha bicho para caçar, tinha peixe, a gente nessa hora não se preocupava em ir lá para a cidade, para achar alguma coisa, senão nessa hora o pessoal trabalhava numa rocinha, carpiá para plantar melancia, para plantar alguma rama, era assim. E...aonde nós íamos não tinha muita preocupação com parte de documento, é não tinha essas preocupação. Tudo era liberdade, Pato Bragado, lá para Marechal Rondon, lá para Guairá, Porto Mendes, por ali cheio de índio era. Não havia muitos brancos ainda, e trabalhava nas lavouras que tinha. Desde onze anos que eu comecei a trabalhar, eu trabalhava com a foice, com o machado, mais ou menos de 1969 a 1973 não tinha muita moto serra, então nós roçava o mato e derrubava com o machado para o patrão. Aqui em Santa Helena, lá para Pato Bragado, Marechal Cândido Rondon, era mato, não era assim trigo ainda, não naquela época era mato. Tem bastante mato ainda naquela época, e ali nós trabalhava, e índio andava sem documento. Quando os colonos chegaram começaram a pressionar, ali naquela época de Itaipu já vieram assim: o que é Guarani tem que chegar lá para a área. Os Guarani tinha o lugar certinho, a aldeia, assim que nem Jacutinga, só indicado para o índio, mas não era marcado, como agora. Então a pessoa saía assim, a pessoa não era cercado, que nem agora, se fosse naquela época o Guarani trabalhava na Santa Rosa e fazia barraquinha lá e de lá voltava aqui de novo, era assim naquela época, e hoje não, se for um Guarani para trabalhar lá, tem que vir com trator, patrão mesmo vem buscar, traz de volta, hoje funciona assim. E naquela época não, naquela época o Guarani vai lá fazer sua barraquinha e trabalhar para as pessoas. Então a diferença que vem, vem depois de Itaipu, a diferença que a gente leva terminou com a nossa mata, nossa água, natureza, água boa, porque aqui os nós Guarani n'so sofremos, agora não é tanto, porque já foi água encanada. E tem hora que a gente sofre, porque lá no poço quando não funciona para a água, não vem água, daí tem que tomar aquela suja, daí vem a doença, daí complica. Quase todos tem água encanada, tem pouca gente que não tem porque a gente não tem mangueira, mas vai ter, nós lutamos para ver se todo mundo tem.

ENT.: Como o senhor aprendeu a falar português? Quando o senhor era pequeno o senhor sabia falar português?

DEP.: Não, até com onze anos eu não falava. Porque meu pai não me ensinava, meu pai não falava em português. A gente trabalha pro branco, mas assim...entendia mais ou menos. Se for para roçar, pega foice, vamos, e ele entende que vamos ir, então ele vê a hora, e vamos embora. Era assim, então eu não falava. Depois eu comecei a trabalhar com patrão, daí me ensinaram. Até uma vez me perguntaram, eu tinha um ranchinho e aí um dia deu vento, e daí eu fui na casa do patrão e daí me perguntaram: se não caiu em cima de mim a minha casinha, perguntou de certo para mim, eu não sabia, e eu falei: é, é, falei assim, era assim, eu não entendia o que ele conversava comigo. Mas hoje apenas entendo um pouco, não digo que eu estou falando perfeito, eu era assim. A diferença que nós estamos levando agora é assim, terminou com nossa água natural, mesmo que nós tínhamos, até logo ali tem um pocinho que ainda é com água mais ou menos natural, um pocinho assim um olho d'água. E depois mais para lá não tem, tem um pocinho para lá perto do galpão, lá na escola, por ali, mas...até a gente fica com medo porque hoje está pertinho o

colono, açude, tudo. E hoje em dia, lá fora, aqui nosso vizinho solta muito veneno, muitas coisas. Então a gente pensa hoje em dia termina, naquela época que nós tinha mata virgem, bicho de caça, água boa, e...a gente lembra, lembra mas não sei se vai. Nós estamos procurando, ver se nós recuperamos alguma ilha, alguma com mata de novo, até a gente estamos conversando com Itaipu, ficaram parece que vão arrumar de novo essa ilha 'lá embaixo para nós, e pelo menos soltar o bichinho, porque nós temos aqui uma cotia, uma capivara ali no viveiro. Vamos largar lá. Viver tranquilo, porque nós Guarani, ou seja, por natureza não vivia preso. Naquela época os bichinhos não viviam presos, mas só hoje que está vivendo também, nós dizemos que é preso porque o bichinho ele andava solto, e hoje tem que tratar, vacinar, tem que dar muitas coisas.

ENT.: O que o Guarani pensa sobre o branco?

DEP.: Não é que o branco quer fazer com a população do indígena alguma coisa, não é a vontade dele, só por causa que lá fora está crescendo a população, e índio hoje, ou seja,... um ano atrás, mais ou menos de 1999 para cá, muitas pessoas está vendo que o índio tem direito, porque o índio era natural, índio era de tudo, e lá fora está acontecendo muitas coisas, porque índio não tinha nada de registrado as coisas, ele não tem... está certo índio produz, ele planta, ele trabalha, ele faz tudo mas não tem nada registrado, então por aí o branco não conhece que tem índio trabalhador, tem índio vivendo lá na...no mato. Não tem, hoje que ele está sendo reconhecido lá fora, acho que até em Brasília...é dois anos atrás que está conhecendo que tem índio Guarani. Agora antes não, antes não nem o documento dele não chegou lá porque não tem nada registrado lá. Aqui mesmo o índio não tinha CPF, não tinha identidade, não tinha registro, não tinha nada. Ele vivia solto, só que hoje ele já foi conhecido lá em cima porque ele já tem identidade, ele já tem registro, e já tem algum índio estudando. E índio estudando é igual que nem vocês também...igual que nem branco, tem que reconhecer lá em cima para ver se ele...tem direito. Porque hoje em dia o que funciona mais é papel, no meu pensar é assim. Porque você está gravando, aqui, agora, se não justifica com essa gravação, se não justifica com esse papel, ninguém vai acreditar lá em cima. Então o seguinte é assim, se vou lá chorar lá para o governo lá...governo do Estado, vai lá para Federal, ele não vai acreditar, índio com fome vem chorar aqui para mim, vem se ajoelhar aqui, não vou atender não. Agora se eu levo com papel, se eu levo com gravação, ele vai me atender, porque ele sabe é verdade, é realidade. Então por aí que eu digo que os índios Guarani vem se apertando, porque também outra coisa, o índio não tem estudo, não tem capacidade para ele enfrentar parte de estudo, parte de papel. Eu não sei ler nem escrever, nem em Guarani. Eu acho que é assim, por isso que eu digo se meu parente hoje... algum lugar, ou seja, não sei se só aqui, ou tem algum outro lugar que cada vez mais vem se apertando. Agora lá fora não sei como é que está, só se andando, mas aqui é assim. Porque quando vem as pessoas, me passaram é assim a notícia de lá. Que nem a FUNAI, Itaipu, tudo que é órgão que estão trabalhando com o índio, eles procuram mais papel, gravação, filme, televisão, é assim.